

## USOS E LIMITES DA CATEGORIA GÊNERO\*

MARIA LYGIA QUARTIM DE MORAES\*\*

A introdução da categoria gênero permite a incorporação das dimensões culturais às dimensões psico-biológicas das diferenças entre sexo masculino e feminino.<sup>1</sup>

### 1. Introduzindo a questão

No decorrer dos anos 90, em decorrência do impacto político do feminismo e de novas perspectivas de análise, o uso da categoria gênero tornou-se mais freqüente, sendo introduzido nas universidades e instituições acadêmicas em várias partes do mundo ocidental, inclusive o Brasil. As reflexões que se seguem apontam para algumas das dimensões envolvidas na construção teórica da categoria gênero, bem como nos limites semânticos envolvidos no seu uso em português.

---

\* Recebido para publicação em outubro de 1998.

\*\* Professora Livre-Docente de Sociologia da UNICAMP, pesquisadora do Núcleo de Estudos de Gênero – Pagu da UNICAMP e pesquisadora do CNPq.

<sup>1</sup> Trecho da apresentação da linha de pesquisa “Família e gênero” do Mestrado de Sociologia da UNICAMP.

## 2. Gênero e Feminismo

A expressão relações de gênero, tal como vem sendo utilizada no campo das ciências sociais, designa, primordialmente, a perspectiva culturalista em que as categorias diferenciais de sexo não implicam no reconhecimento de uma essência masculina ou feminina, de caráter abstrato e universal, mas, diferentemente, apontam para a ordem cultural como modeladora de mulheres e homens. Em outras palavras, o que chamamos de homem e mulher não é o produto da sexualidade biológica, mas sim de relações sociais baseadas em distintas estruturas de poder.<sup>2</sup>

O uso da categoria gênero, nesse sentido, alertaria para os riscos de se tomar como produto da natureza relações inscritas na ordem social. Categoria relacional, por excelência, o gênero teria um estatuto semelhante à categoria classe.<sup>3</sup>

Ora, as duas grandes dimensões da vida humana: aquilo que cada um carrega de “universal” (ser homem/ser mulher e seus imperativos biológicos inexoráveis) e aquilo que sustenta de “particular” (sua sociedade específica) foram estudadas pelas duas maiores teorias de nossa época: o marxismo e a psicanálise. O feminismo contemporâneo impulsionou o que poderíamos chamar de uma perspectiva feminista de análise que, especialmente em sua vertente marxista, ajudou a entender as complexas dimensões de um mundo em que a distribuição do poder obedece a hierarquias sexuais e de classe social. No entanto, o uso da categoria gênero é problemático na medida em que não existe uma teoria feminista do mesmo alcance que o marxismo. O gênero é uma categoria analítica cuja sustentação teórica excede os limites do feminismo.

## 3. Questões semânticas

---

<sup>2</sup> Vide: HEILBORN, M. Usos e abusos da categoria gênero. In: HOLLANDA, H. B. de (org.) *Y Nosotras Latinoamericanas? Estudos sobre gênero e raça*. Fundação Memorial da América Latina, 1992, p.39-44: “A categoria de gênero não deve ser acionada como um substituto de referência para homem ou mulher. Seu uso designa, ou deveria fazê-lo, a dimensão inerente de uma escolha cultural e de conteúdo relacional. Por outro lado, traz embutida a articulação desse código, que se apropria da diferença sexual tematizando-a em masculino e feminino, com outros níveis de significação do universo, porquanto no que respeita, por exemplo, às sociedades primitivas – e não apenas nelas – o gênero interage com outros códigos”. (p.41).

<sup>3</sup> Na teoria marxista são as classes sociais, fruto da luta pela apropriação e distribuição das riquezas sociais, que definem o universo de possibilidades do indivíduo. No capitalismo, aqueles que nascem pobres, desprovidos dos meios de produção, vão ter de enfrentar o predomínio dos ricos, num mundo voltado para a produção do lucro. As classes sociais, assim como o gênero, são produtos da Cultura e da História.

gender. n specialized or fml the physical and/or social condition of being male o female.

*Cambridge International Dictionary of English*

gênero. S.M. 1. Classe cuja extensão se divide em outras classes, às quais, em relação à primeira, são chamadas espécies.

*Novo Dicionário Aurélio*

Enquanto que, em inglês, *gender* é um substantivo que designa exatamente a condição física e/ou social do masculino e do feminino, a palavra gênero, em português, é um substantivo masculino que designa uma classe que se divide em outras, que são chamadas espécies. Existe, portanto, uma dificuldade semântica que confunde o leitor médio e que obriga, na verdade, a uma constante necessidade em definir o que seja gênero, sempre que utilizamos tal categoria em português. Aliás, a mesma dificuldade ocorre com a língua francesa, daí a utilização da expressão *rappports sociaux* de *sexe* ao invés de *gendre*.

#### **4. A categoria gênero é epistemologicamente neutra?**

A categoria gênero, se for epistemologicamente neutra, deve indicar que partimos do ponto de vista de que a sociedade atua sobre o biológico, vale dizer que, não obstante estarmos “determinados” pelo ritmo da vida, da biologia – pois ninguém escapa de seu destino biológico – nós enfatizamos a “coerção” do social (as normas e valores) e a plasticidade do biológico.

Por outro lado, afirmar a plasticidade do corpo biológico não significa negá-lo, superdimensionando a força do cultural e do simbólico. Mais ainda, as fórmulas genéricas (como gênero) obrigam a uma reflexão sobre a relação específica entre corpo e psique e, conseqüentemente, uma teoria da constituição da identidade humana. Além disso, não se deve esquecer que o gênero concerne tanto aos homens como às mulheres, não obstante o grosso das análises que utilizam tal categoria estarem referindo-se às mulheres. Basta ver a quantidade de publicações no estilo de Gênero e Meio Ambiente, Gênero sem Fronteiras e outras, onde, na verdade, o tema é a mulher.

#### **5. Usos e abusos da categoria gênero**

O uso da categoria gênero é indiscutivelmente um uso politicamente correto. Em outras palavras, constitui também um modismo de certos sociólogos. Na verdade, o que se tem, via de regra, é uma utilização restrita e imprecisa de gênero, como sinônimo de homem e mulher. Como exemplo, tomemos sua utilização pelo sociólogo inglês Anthony Giddens,

Usos e limites da categoria gênero

conselheiro do atual primeiro-ministro inglês Blair. No seu livro *Sociology: a brief but introduction*<sup>4</sup> temos no capítulo 5, intitulado The Family and Gender<sup>5</sup>, a palavra *gender* aparece duas vezes: no título e no subtítulo Gender, Patriarchy and Capitalist Development. No texto, o autor se refere ao tempo todo a homens e mulheres sem sequer se dar ao trabalho de explicar o que entende por gênero. Aliás, essa mesma ambigüidade aparece no seu livro posterior, *As conseqüências da modernidade*<sup>6</sup>, em que fala da importância dos movimentos sociais na configuração da modernidade e, em nota de rodapé, assim introduz as conseqüências do feminismo:

Como devemos situar o feminismo em relação às dimensões da modernidade distinguidas aqui e em relação à discussão mais ampla no livro como um todo? Em primeiro lugar, deve-se enfatizar, o feminismo participa da reflexividade moderna assim como todos os movimentos sociais. Partindo de uma situação em que os objetivos primordiais eram assegurar os direitos de igualdade política e econômica, os movimentos feministas chegaram a pôr em questão elementos constitutivos das relações entre os sexos [NOTE BENE: não se fala de gênero]. A reflexão sobre o que é o sexo e como ele estrutura as características básicas da identidade social está hoje entrosada a projetos de profunda transformação potencial.<sup>7</sup>

## 6. A contribuição da psicanálise feminista

Sob o substantivo gênero se agrupam todos os aspectos psicológicos, sociais e culturais da feminilidade/ masculinidade, reservando-se sexo para os componentes biológicos, anatômicos e para designar o intercâmbio sexual propriamente. A clivagem efetuada na profundidade dos conceitos reduz o papel do instintivo, do herdado, em favor do caráter significante que as marcas da anatomia sexual adquirem para o homem através das crenças de nossa cultura.<sup>8</sup>

A formulação de Emilce Bleichmar, que considero ser uma das mais sérias tentativas de fundamentação teórica do uso de gênero, ao mesmo tempo em que acentua a importância da dimensão cultural do ser homem

---

<sup>4</sup> Londres, MacMillan, 1986.

<sup>5</sup> Id., ib., pp. 115-143.

<sup>6</sup> São Paulo, Editora da UNESP, 1991.

<sup>7</sup> Id., ib., p.161.

<sup>8</sup> BLEICHMAR, Emilce. *O feminismo espontâneo da histeria*. Porto Alegre, Artes Médicas, 1988, p.33.

e ser mulher, deixa imprecisos os limites em que o gênero reduz, segundo sua fórmula, o papel do instinto. No seu livro, ela apresenta outras abordagens, como a da psicanalista francesa Maud Mannoni, para quem o gênero poderia ser pensado como “significante” e o sexo biológico como “significado”. Para Robert Stoller, e seu conhecido livro *Sex and Gender*, editado há mais de 30 anos, o “sentimento de ser mulher” e o “sentimento de ser homem”, ou seja, a identidade de gênero, predominam sobre as características anatômicas. Isso é, não existe uma relação de imanência entre psiquismo e biologia.

A esse respeito, concordo com as observações de Marie Langer que, na introdução do livro de Bleichmar, comenta:

Stoller exagera em sua valorização do gênero ante o sexo biológico. Como psicanalista e médica, e, certamente, também como mulher, não posso imaginar uma identidade feminina e masculina sólida se o sexo biológico está em desacordo com ela.<sup>9</sup>

Assim, do meu ponto de vista, é preciso avançar nos estudos que trabalhem com a tensão corpo biológico/corpo simbólico e as possibilidades de transformações com respeito às identidades. Nesse sentido, a tese de doutoramento de Maria Rita Kehl, com o sugestivo nome de *Deslocamentos do Feminino*, incorpora o trabalho pioneiro de Bleichmar, assinalando que gênero é um conceito que inclui o sexo biológico, investido dos valores e atributos que a cultura lhe oferece.<sup>10</sup> Na verdade, é no campo da psicanálise que a categoria gênero pode ser aprofundada, transformando-se em instrumento de análise dos deslocamentos do feminino e do masculino.

---

<sup>9</sup> LANGER, Marie. Introdução. In: BLEICHMAR, Emilce. *O feminismo espontâneo da histeria*. Op.cit., p.16.

<sup>10</sup> KEHL, Maria Rita. *Deslocamentos do feminino*. São Paulo, Imago, 1998, p.12.